

RICARDO WAGNER

E

FRANCISCO LISZT

RECORDAÇÕES PESSOAES

DE

PLATON DE WAXEL

1875

LISBOA

OFFICINA TYPOGRAPHICA DE J. A. DE MATTOS

36-Rua Nova do Almada-36

BIG
XIX-3
VAK
ric



O MUNDO
DO LIVRO

11-L. da Trindade-13
Telef. 36 99 51
Lisboa

N.º 454

Michel Angelo Lambertini



Cop. 849961

RICARDO WAGNER

E

FRANCISCO LISZT

RECORDAÇÕES PESSOAES

DE

PLATON DE WAXEL



LISBOA

OFFICINA TYPOGRAPHICA DE J. A. DE MATTOS

36-Rua Nova do Almada-36

1874

REVISTA DE LINGÜÍSTICA

N.º

15

REVISTA DE LINGÜÍSTICA

REVISTA DE LINGÜÍSTICA

REVISTA DE LINGÜÍSTICA

A edição d'este opusculo é tirada apenas de cincoenta exemplares que serão devidamente numerados.



REVISTA DE LINGÜÍSTICA
EDITADA POR A. J. DE ALMEIDA
1932

RECORDAÇÕES PESSOAES

I

Ricardo Wagner e Francisco Liszt têm de occupar na historia da musica do seculo XIX um logar importante, e ainda quando as suas obras venham a esquecer, nem por isso desapparecerá a importancia historica d'elles. É que os dois revolucionarios da arte, á falta do sopro divino da inspiração, significam mais pela sua influencia do que pelo valor intrinseco das composições que legarem ao futuro. É como criticos das leis existentes da arte, (1) creadores de novos processos technicos, como fautores de uma grande evolução intellectual na região artistica, que hão de occupar na historia um logar.

Qualquer d'elles não é no emtanto o auctor d'esta evolução operada, e apesar de aproximarem-se em communs aspirações os dois, a actividade de qualquer não é completamente identica. Wagner, na primitiva mais symphonista que compositor dramatico, chegou por fim a encaminhar as faculdades naturaes por uma direcção errada, consagrando-se á opera. Para elle a musica é apenas um dos meios por onde pertende chegar á exposição completa do drama lyrico; protesta contra qualquer preponderancia da musica sobre os outros meios de acção, na scena, amesquinha-a ao papel de auxiliar da palavra, e na orchestra ordena-lhe exprimir em *imitação* os echos das multidões e da natureza. Wagner deriva de Gluck em quanto á verdade dramatica, e de Marcello (2) em quanto á revolta contra as formulas usuaes impostas pela opera italiana, e pela sua tendencia imitativa na musica, já no seculo passado muito em voga entre os symphonistas, no papel que elle faz representar á orchestra.

1 Criticos tanto nas obras como pela palavra, é notavel que a maioria dos compositores d'esta escola sejam ao mesmo tempo criticos, e ordinariamente mais importantes como criticos do que como compositores: para nos convencermos, bastará citar Berlioz, Wagner, Liszt, Sérof, Ernesto Reyer, H. de Bülow, etc.

2 Consultar a obra que o celebre auctor dos Psalmos publicou com o titulo *Il teatro alla moda*,

Não é no theatro que reside a esphera da actividade de Liszt, antes na orchestra e na musica sacra. Para este a musica, ao contrario de Wagner, não é arte auxiliar, basta a si propria: por ella apenas é que tudo deve ser manifesto. A musica imitativa é porém no emtanto um dos principaes fins da sua composição. Em vez de a limitar ao seu elemento natural, e de a empregar apenas como a expressão de quanto ha de mais ideal e profundamente intimo no espirito e no coração humano, Liszt e a sua escola procuram *materialisar* a musica, compellindo-a a desenhar todos os effeitos exteriores da natureza, e ainda actos e factos determinados, o que o leva á *musica annunciada*.

Comtudo não é Liszt o chefe verdadeiro d'esta escola, antes porém Berlioz. Descobre-se n'este tambem a tendencia a privar a musica de toda a regularidade de formas, destruir toda a proporção tanto no conjunto como nas partes, e por outro lado multiplicar os rythmos e alargar as variedades de som. A musica da escola Berlioz-Liszt deve pois conter, de accordo com esta dupla tendencia, por uma parte grande riqueza rythmica e technica, pela outra uma confusão immensa, um disforme amontoado das idéas mais contrarias.

Tal escola ainda não produziu na Allemanha ou em França compositores de nomeada verdadeira. Phenomeno extranho, que seja n'um paiz, que mal ainda tinha creado com os mais puros e salutaes elementos uma escola de musica nacional, que seja logo n'este chão quasi virgem que a esteril innovação recrutasse os mais estrenuos e afamados caudilhos; porque é effectivamente na Russia que tal escola mais progrediu. Alexandre Dargomyjsky, o immediato successor de Glinka e a honra da sua escola, ao termo da sua carreira, entrega-se de vida e alma a esta tendencia, e dá o seu *Convidado de pedra, D. João*. Na cola d'elle, muitos compositores de largos recursos technicos, senão de grande inspiração, (1) como Balakireff, Rimsky-Korsakof, Cuy, Mussorgsky e outros, lançam-se ás cegas pelo mesmo caminho; levam o exagero além do que fôra visto em Berlioz e até em Liszt, e pertendem constituir em lei a desordem e o chaos, formado com os troços das proprias regras accites da arte, cuja demolição pregam.

Intitulámos como escola de musica instrumental a escola Berlioz-Liszt, e effectivamente esta é a sua principal caracteristica. Berlioz escreveu é verdade operas, porém quasi póde affirmar-se que as operas d'elle são só composições choraes e orchestraes (exemplo, o segundo acto dos *Troyanos*, *exclusivamente* decorativo e orchestral); Liszt nunca

1 Note-se que não apparecêra antes exemplo de maestro dotado de talento melodico e inspirado, que se lançasse no caminho d'estes, antes de se reconhecer exhausto.

mais escreveu operas depois que entrou na escola; alguns dos musicos russos já citados tentaram a scena, mas n'elles por egual fórma o elemento instrumental é o unico que merece o nome de musica, e isto ainda no que d'este nome póde applicar-se a uma musica apenas harmonica e rythmica, absolutamente isolada do elemento melodico. São assim o *D. João*, de Dargomyjsky e o *Ratcliffe*, de Cuy; é simplesmente a resurreição das melopéas dos primeiros creadores florentinos da opera, auxiliadas porém por uma instrumentação mais erudita. Ultimamente os srs. Rimsky-Korsakof e Mussorgsky acrescentaram as suas partituras, elaboradas segundo os mesmos principios, mas em assumptos colhidos na vida nacional, intercalando melodias populares, lembrança que conciliou mais algum exito áquellas composições.

Acreditâmos que estas operas russas *recitadas* devem diferir muito do drama lyrico de Wagner, pelo menos do *Tannhäuser* e do *Lohengrin*, approximando-se afóra estas as outras operas d'elle, a partir dos *Meistersinger*, das citadas recitações dos srs. Cuy e Rimsky-Korsakof, com a differença natural do maior talento e mestria, de que dispõe o celebre musico allemão.

Como já ficou affirmado, todo este movimento considerâmol-o não como um progresso natural e gradual na arte, antes como os desvairios do delirio de uma revolução que ha de servir a aclarar muitas cousas, mas que atraz de si poucos monumentos deixará, perante os quaes as gerações futuras tenham de inclinar-se. A progressão real da arte não reside na escola de Wagner, e muito menos ainda na de Berlioz-Liszt. Os successores verdadeiros de Gluck são por um lado Beethoven no *Fidelio* e Weber, e pelo outro Rossini no *Guilherme Tell* e Meyerbeer; a opera nacional de Glinka deriva da mesma fonte: e pelo que diz respeito á musica não dramatica, ahi egualmente não é Berlioz nem Liszt que representam o progresso: em Schumann porém e na sua escola quanto á musica instrumental, em Mendelssohn e Brahms na parte do oratorio, é que havemos de procurar os continuadores legitimos da obra de Beethoven, que em si procede tanto de Alexandre Scarlatti, de Pergolese, de Haydn e de Mozart, como de Bach, de Haendel e de Gluck.

II

Sendo ao certo Wagner e Liszt personalidades historicas interessantissimas, fico desculpado por entreter os meus leitores uns momentos com a pessoa particular de qualquer dos dois mestres, o seu modo de ser, pensar e exprimir-se, tudo colhido nas minhas proprias recordações.

Não se me extranhe o modo familiar de que eu me sirvo neste caso, contando simplesmente quanto vi e ouvi; creio até que este meio é o mais seguro para me fazer bem entendido.

Era em Leipzig, e se não me engano, pelos fins de novembro de 1872; mal tinha principiado o inverno, e eu via pela primeira vez os altos telhados das antigas casas da cidade allemã, as praças espaçosas e os passeios, tudo recamado de um breve e diaphano manto de neve. A acção artistica não animava demasiado o velho centro da vida musical da Allemanha; e o theatro, em escassez de primeiro tenor e sem se afoutar a novidade alguma, contentava-se em exhibir as partituras do seu repertorio classico: Mozart, Beethoven e Weber; os concertos, com o Gewandhaus á frente, muito economicosinhos para dispôr do numerario avultado que exigem as celebridades, e além d'isso carecendo dos grandes recursos antigos, reduziam-se á execução orchestral, magnifica no Gewandhaus e mediocre nas outras partes. Era tambem n'uma das occasiões menos propicias para a musica em toda a Allemanha, porque apenas começava a respirar apóz as gloriosas fadigas de 1870-71, e o unico empreendimento de arte em que então se fallava era o projecto de construcção do theatro de Bayreuth. Wagner, crente que este projecto se realisaria com mais presteza do que é costume, andava já percorrendo as varias cidades da Allemanha, á procura de cantores que formassem a futura companhia.

Eu e um amigo particular, com quem então residia em Leipzig, tam sequiosos de grandes creações musicaes como avidos de nos iniciármos em quanto dizia respeito á vida musical na Allemanha, verdade seja, soffriamos alguma cousa entre aquella esterilidade propria da estação; pódem então imaginar a alegria que tivemos quando um dia pela manhã lêmos n'um jornal de annuncios muito conhecido em Leipzig,

o *Tageblatt*, jornal que pontualmente todos os dias nos serviam pela manhã com o café, quando lemos digo, que o illustre maestro, a que nos referimos, viajando á procura de cantores para o theatro de Bayreuth, honra no dia seguinte com a presença a sua terra, e que se roga com o maior empenho a todos os seus admiradores queiram ceiar com elle no *hotel da Prussia* mediante apenas a retribuição de *um thaler*, em proveito do dono do hotel. Pondo ambos de parte os escrupulos no capitulo de *admiradores* do maestro do *Tannhäuser*, satisfizemos de muito boa vontade o thaler exigido pelo honrado hospedeiro, o que foi muito bastante para podermos gosar de uma das mais curiosas solemnidades a que temos assistido.

Ali pelas dez horas da noite, ao que me parece, chegámos ao hotel mencionado; estavam já á espera alguns individuos n'uma saleta, outros no intuito de marcar os logares passeiavam em volta de uma mesa, preparada para cem commensaes. A pouco e pouco foi-se juntando gente, e tudo nos trajos mais variados, desde a casaca e gravata branca até á simples jaqueta; eram tudo estudantes da universidade e do conservatorio, que eclipsavam completamente as notabilidades de Leipzig, que seja dito baixinho, se faziam notar pela ausencia: com effeito, se exceptuarmos o *reitor magnifico* da universidade, que era ao tempo um orientalista, o director dos concertos de musica sacra, conhecido pelas suas sympathias por Wagner e Liszt, o mestre de capella de uma sociedade musical de segunda ordem, e um jornalista ignorado, não me lembro ter lá visto outra notabilidade alguma de Leipzig. Seja dito como explicação que, sendo o Gewandhaus e o seu conservatorio acerrimos antagonistas de Wagner e da sua tendencia, isto faz que os estudantes d'este conservatorio façam uma pirraça aos preceptores. vangloriando-se de *wagnerianos contumazes*.

As senhoras, não sendo muitas, não faziam comtudo falta, o que foi conveniente, tanto mais que Wagner á hora indicada apresentou-se na sala não só, mas acompanhado da esposa a sr.^a Cosima Wagner, filha de Liszt, e que antes de casar com o auctor do *Tannhäuser* fôra mulher do celebre pianista Hans de Bülow.

Antes que me assente á meza, consintam os leitores que eu lhes descreva a impressão que em mim produziu a figura de Wagner. Tendo a photographia ha muito já popularizado as fórmias d'elle, eu não tenho agora de repetil-as; direi apenas que, pelos retratos, sempre me pareceu que fosse de estatura elevada: pois ao contrario é baixinho, muito baixinho, muito baixinho ainda para poder dar o braço á esposa, de quem diremos de passagem que é a figura inteira do pae. Outra cara-

característica de Wagner é que, se elle é capaz de rir-se, não lhe vejo com-tudo feição para sorrir: os labios fechados e sem côr, as faces cavadas, uns olhinhos muito vivos, isto tudo dá-lhe a *expressão* (queiram desculpar-nos o trivial da imagem) de uma serpente na occasião em que projectando o dardo, menêa a breve cabeça por fórma estranha.

O tempo da ceia não excedeu hora e meia. Logo depois da sopa, principiaram os *speechs*. Coube primeiro a palavra ao director dos concertos de musica sacra, que teve a imprudencia de lembrar a Wagner a ingratição da sua terra, que não deputara uma commissão a cumprimental-o, nem sequer reunira muitos convivas illustres áquella mesa. A resposta do *mestre* (que é por este termo laconico que os adeptos d'elle o tratam na Allemanha) foi um pequeno anathema contra todas as capacidades musicaes em geral e contra as de Lezipig em especial; cantou depois o propheta em todos os tons a costumada lamentação sobre o estado em que ao presente chegou a arte da musica. Veremos em breve a profunda significação d'estas palavras.

Chegou a vez de um estudante de theologia: não houve quem atinasse bem com o que elle queria dizer, mas os termos bombasticos de *futuro*, de *progresso*, etc. etc., choviam continuamente, o que motivou da parte do mestre uma resposta, que bem merece ser adduzida: « O mancebo disse *progresso*, replicou quasi nestes termos Wagner, e sabe o que eu neste momento entendo por progresso para todo o amigo da arte? *Progresso* nas actuaes circumstancias é synonymo de *abstenção*, porque, emquanto os theatros conservarem no seu repertorio as miserias que se estão ouvindo todos os dias (em Leipzig havia tres mezes que só se cantavam Mozart, Beethoven e Weber,) e emquanto estes theatros não se consagrarem ao culto religioso exclusivo, sem córte algum, das *minhas*, partituras, a condição de todo o progresso artistico está na *abstenção* do teatro.» Apesar do energico signal de approvação do mestre da capella da Sociedade musical de segunda ordem, alguem se encontrou, um rapaz judeu, cheio de graça e malicia, que redarguiu ao mestre que elle é que não invejava a sorte dos empresarios entregues ás consequencias da tal abstenção? O vivo acolhimento que coroou a observação do judeu esclareceu-me que n'aquella reunião não era eu o unico a assistir mediante apenas a despeza do thaler, e fóra das condições de admirador do maestro.

Os *speechs* não ficaram ainda por aqui, porque o mestre fez terceiro discurso tam significativo como o anterior. Tendo um hollandez *conservatorista*, como em Leipzig se chama aos discipulos do conservatorio, saudado o compositor em nome da sua patria, onde se as operas

d'elle não attrahiam por emquanto a multidão, comtudo o pae da sr.^a Wagner já era ali muito acclamado, que excellente occasião para abafar a delicadeza, e fazer alguma propaganda de *annexação* pan-germanica! O compositor tomou os ares mais solemnes de propheta, e confessou que elle não percebia por fórma alguma como é que a Hollanda podia existir independente, e que ao contrario a missão do espirito e da politica allemã era extenderem-se sobretodas as fronteiras. Foi immenso e completo o exito produzido pela bravata, a ponto que o proprio hollandez não pôde resistir ao calor geral, e estendeu o seu copo de vinho para o maestro do futuro, provavelmente para beber á projectada união da Prussia com a sua patria. É de esperar comtudo que os mais compatriotas d'este não partilhem completamente os seus amores pan-germanicos, porque, de outra fórma, ai da sua nacionalidade!

III

A ultima vez que vi o grande rebequista Fernando David, homem igualmente amavel e instruido como excellente artista, a quem a reputação musical de Leipzig quasi deve tanto como ao proprio Mendelssohn, cujo collaborador foi e a quem sobreviveu por mais de um quarto de seculo; a ultima vez, digo que eu vi a David antes da sua morte, foi no dia em que elle nos deu, a mim e ao outro meu amigo, uma carta de recommendação para Liszt.

Já não era o inverno com o vento e o gelo meio derretido, como quando foi do *specch* pertencioso e mordaz de Ricardo Wagner, mas o mez de maio em toda a inflorescencia, á semelhança do sorriso do eminente pianista hungaro quando elle executa uma inspiração sublime de Beethoven, sorriso de que dão conta tantos povos.

Foi pois, por um formoso dia de maio, a um sabbado, que trocámos ambos a poeira de Leipzy pelas sombras de Weimar. Chegamos para jantar á cidade gran-ducal, Athenas da Allemanha, onde a recordação de Herder, Wieland, Goethe, Schiller Weber, Hummel e do proprio Liszt estão presentes a cada momento, dirigimo-nos por conselho de David ao hotel Erlprinz, onde Liszt é muito conhecido, janta alli algumas vezes, ou vae tomar o seu copo de cerveja.

Pouco mais ou menos foi pelas quatro horas que fomos deixar os

nossos bilhetes a Liszt, que n'este verão occupava um pavilhão granducal nos extremos do parque.

Apressou-se o creado em enviar os nossos bilhetes, porque dentro em pouco o proprio duque de Saxe-Weimar viria buscar Liszt para o levar a uma repetição ao theatro; e effectivamente logo fomos recebidos.

A sala fôra repartida em duas pequenas partes, uma d'ellas quasi occupada por um magnifico piano de Beehstein, de Berlim, todo coberto de musica, em que distingui, pelo menos em metade, partituras impressas dos meus patricios, de que eu fallei ao principio d'este artigo; ao fim da sala alguns moveis bastante elegantes, e sobre a mesa muitos numeros do *Universo*, de Luiz Veuillot, e ainda alguma musica russa.

Quando entrámos, estava Liszt de pé diante d'esta mesa; batina preta comprida, cabeção de padre catholico, bellos cabellos brancos penteados para traz, mas cortados rentes, olhos chispando fogo, e um meigo sorriso nos labios...

Não podia ser mais benevolo o acolhimento; fallou primeiro a respeito de David, informou-se das nossas cousas, e passou logo a tratar dos novos compositores russos. Fallou com muita cordilidade do *D. João*, de Dargomyjsky, como tambem das musicas de Rimsky-Korsalkof e de Cuy; no emtanto estava muito distrahido, dir-se-hia que estava á escuta: evidentemente esperava o grão-duque a toda a hora. Conversámos primeiro em allemão, que elle falla com uma pronuncia hungara muito accentuada; mudou-se logo para francez. Ao fim de um quarto de hora annunciaram a chegada do grão-duque, que esperava o maestro na carruagem: esta noticia impressionou-o muito, despediu-se logo de nós, despediu com segura dois rapazes que entravam na occasião, sobraçando uma partitura (provavelmente discipulos), perguntou-nos se ainda nos demoravamos algum dia em Weimar, e prometteu ainda dar-nos umas palavras no hotel; e depois foi o primeiro a descer pela escada. Passado um momento, subiu novamente, chamando-me pelo nome, e disse que o procurassemos ambos no dia immediato, domingo, pela manhã, ás onze horas e um quarto, para nos apresentar, dizia elle, a alguns patricios.

Era o que nos faltava, pois sabiamos que todos os domingos, antes do jantar, havia em casa d'elle uma sessão de musica. No dia seguinte, apesar de pontuaes á hora emprazada, achámos a sala quasi cheia. Liszt mal deu comnosco, aproximou-se logo o mais benevolmente, apertou-nos a mão, e disse em voz baixa que na occasião estava em sua casa um *elevado personagem*, que a si proprio se annunciou, e es-

pecialmente seu « muito gracioso amo, » o grão-duque de Saxe-Weimar. « Porém, acrescentou elle em voz alta (e quando falla, escutam-no quantos o rodeiam), « aos mancebos compete sempre o logar da frente, queiram pois adiantar-se »; o que fizemos immediatamente.

Feitas as apresentações, conversámos uns momentos; de repente Liszt levanta-se, dizendo que era preciso tocar alguma cousa, « que em verdade aquella vez não tinha musica boa que podesse offerecer aos seus convidados, mas que na falta de melhor, elle só podia apresentar a propria execução ». Ria-se elle mesmo do que affirmou, e entre um murmurio geral sentou-se ao piano. Eis que começa a improvisar durante largo tempo, depois de ter n'um olhar intimado silencio: pouca musica no emtanto, magnificos effeitos de execução, uns relampagos de melodia esplendidamente cantado no piano, e eis tudo; o restante logares communs: no emtanto Liszt, a julgar pelo tom dos seus ditos a respeito do improviso, dir-se-hia dar-lhe grande importancia. O numero immediato era um *scherzo*: « Os dois irmãos Rubinstein tocam-no melhor; disse elle. Não duvido até que Antonio Rubinstein especialmente attingisse n'este trecho como em outro qualquer o mais elevado grao de perfeição, isto comtudo não impede que na interpretação de Liszt houvesse especialmente um *andante* que me sensibilisou profundamente, tam ingenuamente fôra elle cantado!

No *adagio* da *Sonata pathetica* de Beethoven é que apenas pude suster as lagrimas: nunca ouvira cantar e *fallar* o piano assim; era uma meiguice e sensação sem par. E elle emquanto tocava? Parecia que o fogo do genio resplandecia nas feições todas, e se lhe encarnava no semblante; nem vestigio d'essa charlataneria, de que tanto em outro tempo o accusavam, nenhum gesto contrafeito, apenas a mão cahia do alto para melhor ferir a nota, ao passo qua a figura reflectia sempre toda a musica que interpretava, ora no sorriso mystico que lhe é proverbial, ora na expressão de uma dôr intensa, ora em impulso de alma que tudo parecia arrebatár. Ai que differença entre o vulto sublime de Liszt, a sua compostura elevada, nobre, patriarchal, essa finura exclusivamente meridional; e a imagem mordaz de Ricardo Wagner! Se Liszt é um genio que radia em atmospheria superior ao executar os primores dos mestres! Wagner, se genio é por ventura, sêl-o-ha de mundo inferior ao nosso, um genio com toda a apparencia de ente ainda abaixo do vulgo dos homens.

Depois do *adagio* de Beethoven, Liszt só tocou a quatro mãos, na companhia do sr. Lassen, mestre da capella gran-ducal: primeiro executaram uma marcha, levada n'uma expressão ideal; depois a sympho-

nia fantástica de Rimsky-Korsakof *Sadko*, que lhe agradou tanto, a ponto de a repetir duas vezes apesar da extensão; e por fim a fantasia curlandeza de Dargomyjsky, cuja introdução é de um magnífico estylo, digno de Glinka, e que Liszt soube dar em toda a expressão; geralmente estes trechos todos são complicados como não ha suppôr, pois elle desempenhava-os em difficuldades sem conto com uma mestria e expressão espantosa, e tudo á primeira vista.

Liszt estava encantado com esta musica, repetia louvores e especialmente exaltava o artificio da composição de Gadko, que effectivamente é um producto muito completo da escola cujo mestre é Liszt; o que, como vêem, dito por mim, não será grande elogio. Estava igualmente satisfeito o grão-duque de Weimar, e soube que estes trechos juntos com outros de indole identica foram executados depois pela orchestra da côrte.

Retirou-se o grão-duque á hora e meia, e logo em seguida o resto dos convidados. Depois de haver visitado a casa e o sepulchro de Schiller e Goethe, voltamos a Leipzig mais ricos de que quando sahiramos, por trazermos comnosco uma recordação tão superior, que entre as melhores da nossa vida ha de ser numerada sempre.



